

“#SÍNDROME DE MENASMAIN #”¹: A MÃE MÁ E A BOA MÃE DA BLOGOSFERA MATERNA BRASILEIRA

Elaine Muniz Pires²
Ana Laura Godinho Lima³

Resumo: Este artigo versa sobre os significados atribuídos às boas e às más mães nos blogs maternos brasileiros na última década. Utilizando como método a análise do discurso, discutimos como se apresenta na blogosfera a designação da “menos mãe” versus da “mais mãe” e quais comportamentos são considerados determinantes para tal. Discutimos ainda como a definição da boa mãe a partir de seu avesso, estratégia que não é nova no processo de normalização feminina, se apresenta ao lado de enunciados em prol da liberdade de escolha materna. Por fim, apontamos para as disputas no interior deste discurso e para como a blogosfera contribui para normalização de comportamentos maternos e para imposição de formas corretas de maternagem e de ser mãe. Palavras-chaves: Maternidade; Maternagem; Blog materno; Mãe boa; Mãe má.

“#’Less mother’ syndrome#’/; the bad mother and the good mother of the Brazilian maternal blogosphere

Abstract: This article is about the meanings attributed to good and bad mothers in Brazilian maternal blogs in the last decade. Using discourse analysis as a method, we discuss how the designation of the “menos mãe” (lesser mother) versus the “mais mãe” (more mother) appears in the blogosphere and which behaviors are considered determinant for this. We also discuss how the definition of a good mother from the inside out, a strategy that is not new in the process of female normalization, is presented alongside statements in favor of maternal freedom of choice. Finally, we point to the disputes within this discourse and how the blogosphere contributes to the normalization of maternal behavior and to the imposition of correct forms of mothering and being a mother.

Keyword: Motherhood; Mothering; Maternal blog; Goodmother; Badmother.

¹ A expressão aparece em um comentário relativo a uma postagem do portal de blogs Minha Mãe que Disse e se refere ao embate entre discursos sobre a maternidade de que trata este artigo (Comentário apud SORENSEN, 2014, on-line).

² Universidade Federal de São Paulo (elainepiras@hotmail.com)

³ Universidade de São Paulo (aglima@usp.br)

No século XXI, tornar-se mãe não é um destino inevitável a todas as mulheres no mundo Ocidental. Os feminismos e o desenvolvimento e disseminação de métodos anticoncepcionais estão dentre os fatores que contribuíram para isto. A maternidade é entendida socialmente como uma escolha feminina que pode ser vivenciada de diferentes formas por mulheres. Cada vez mais, admite-se que mulheres mantenham e invistam em suas carreiras após o nascimento dos filhos, que possam estudar e ocupar cargos públicos, que o cuidado infantil e o trabalho doméstico sejam divididos de forma igualitária entre os cônjuges, que a concepção não seja realizada apenas através da relação sexual e que a maternidade e a paternidade não são exclusividade de pessoas heterossexuais. A maternidade como escolha questiona os papéis tradicionais de gênero e contribui para sua desestabilização, ainda que esta possibilidade atinja mulheres de formas diferentes a depender de marcadores como classe e raça, local de moradia (se em contexto urbano ou rural), cultura e religião.

A tônica da escolha perpassa o discurso maternalista atual proferido e construído por mães nos blogs maternos brasileiros escritos predominantemente por mulheres intelectualizadas, de classe média a alta, brancas e heterossexuais. São comuns as defesas da possibilidade feminina de escolher ser mãe, como parir e como maternar. Munir-se de informação e questionar práticas médicas hospitalizadas e medicalizadas, propicia que a mãe torne-se dona de seu corpo e de sua prática materna, que a mulher empodere-se como mãe. Este é um dos princípios elementares do que se costuma chamar de maternidade ativa na blogosfera materna, a qual pressupõe a adoção consciente e refletida de práticas de maternagem, o protagonismo feminino durante o parto e um ativismo materno.

Nesse contexto, em que proliferam discursos em defesa da liberdade feminina para escolher se e como exercer a maternidade, parece paradoxal que se espere da mulher a realização de sacrifícios pela família e pelos filhos, que a culpa continue a constituir um sentimento intrínseco à maternidade, que sejam hierarquizadas práticas de cuidado melhores e práticas piores que separam as boas mães das más. A análise de publicações escritas por mães em blogs maternos, no entanto, demonstra como estes temas estão presentes hoje, lado a lado, disputando as acepções de mãe, delimitando o que se compreende como empoderamento materno e limitando as possibilidades de escolha feminina. O debate encontrado no conjunto de blogs que abordam a temática da maternidade, a blogosfera materna, referente às mulheres consideradas “mais mães” e as

consideradas “menos mães” ou “menas mães”, demonstram a permanência de uma lógica binária de normalização feminina.

Neste artigo, apresentamos as conclusões a que chegamos quanto aos significados atribuídos às mães boas e às mães más nos blogs maternos da última década, temática que surgiu no âmbito da pesquisa de doutorado *Maternidade Ativa e o Cuidado do Mundo*, defendida por Elaine Muniz Pires sob orientação de Ana Laura Godinho Lima na Faculdade de Educação da USP, em 2020. Utilizamos como recurso teórico-metodológico a análise do discurso inspirada em Michel Foucault, suas proposições relativas à biopolítica, assim como contribuições advindas dos estudos de gênero contemporâneos.

A escolha por pesquisar blogs se deve à importância nos dias atuais de compreender como se dão as aprendizagens de como ser mãe em ambientes virtuais em que mulheres interagem sobre suas práticas maternas e expõem suas perspectivas quanto aos cuidados a serem ofertados e aos papéis sociais que ocupam. Interessa-nos compreender como estas experiências e concepções aparecem, são disputadas e construídas coletivamente, formando um discurso maternalista que contribui para normalização materna.

Nesta análise, fazemos uso especialmente de postagens publicadas entre os anos de 2012 e 2014 no portal de blogs brasileiro Minha Mãe que Disse (MMqD)¹, local em que eram publicados textos com conteúdos diversos, postagens polêmicas e de repercussão de outros blogs maternos. A interação entre escritoras e leitoras, que de forma geral era intensa nos comentários ao final da página neste portal, foi um dos fatores considerados para escolha de publicações do MMqD por permitir perceber a adesão das comentaristas aos enunciados apresentados e as disputas existentes. Selecionamos as postagens que nos pareciam mais elucidativas relativas ao embate se há e como é a “menos mãe” e, em contraposição, quem seria a “mais mãe” ativa.

Iniciamos o artigo apresentando brevemente como são identificadas a má mãe e a boa mãe nos textos analisados e sugerindo possíveis significados para estas disputas. Em seguida, apresentamos o debate teórico relativo à normalização materna moderna no Ocidente e no Brasil. Por fim, nos debruçamos sobre as

¹ O MMqD funcionou entre 2011 e 2018 e reunia mais de mil blogs maternos. As datas das publicações referem-se à publicação no MMqD e não às datas em que foram originalmente publicadas nos blogs de origem.

disputas pelo uso ou não destas designações e os possíveis efeitos que produzem nas mulheres que escrevem ou leem os blogs.

A MÃE MÁ OU A “MENOS MÃE”

No início dos anos 2000, difundiram-se no Brasil páginas virtuais de fácil publicação de conteúdo, os blogs, dos mais variados assuntos, dentre eles maternidade, gestação e maternagem. Escritos por e para mães, os blogs maternos podem funcionar como diários pessoais em que as mães narram suas experiências pessoais na gestação e no cuidado infantil além de dividirem suas angústias, medos e prazeres. Também podem constituírem-se como espaços de divulgação de informações relativas à temática, como local de interação feminina em que se debatem vários assuntos ligados à maternidade ou como espaço de venda de produtos e serviços para mães e crianças.

Desta profusão dos blogs maternos, interessa-nos as páginas que funcionam como pontos de encontro virtual de mães, em que o debate entre elas sobre aspectos, significados e experiências da maternidade é profícuo. Destaca-se neste meio, a defesa de uma “maternidade ativa”, a qual pressupõe a adoção consciente e refletida de práticas de maternagem e um ativismo por mudanças nas formas de parir e de maternar. A busca ativa por informações científicas seguras e experiências femininas relativas ao parto e ao cuidado infantil é considerada imprescindível para que a mulher se torne protagonista de seu parto e autônoma em suas escolhas de maternagem.

O discurso da maternidade ativa congrega, em sua constituição, enunciados oriundos de movimentos pela humanização do parto e do nascimento, que no Brasil tiveram início na década de 1990; de teorias que valorizam o vínculo mãe-bebê, como a teoria do apego de John Bowlby; do desenvolvimento de técnicas alternativas de parturição nas décadas de 1960 e 1970, de críticas à hospitalização do parto, de movimentos feministas e ecológicos. Neste discurso, as mães figuram como agentes de escolha, como agentes autônomas capazes de optar por ser ou não mãe, quando ser mãe e pelos cuidados oferecidos à criança gerada. A escolha consciente, baseada em uma busca ativa por conhecimento, é considerada como o elemento que pode levar ao empoderamento materno.⁵ Frequentemente pressupõe-se que o conhecimento baseado em evidências científicas e

⁵ Na blogosfera materna, o empoderamento materno é geralmente compreendido como a possibilidade da mulher se tornar protagonista de sua maternagem, de realizar de forma autônoma as melhores escolhas para si e para seus filhos e filhas (PIRES, 2020).

experiências maternas, referido como um conhecimento de qualidade, direciona a escolha feminina para determinadas práticas e não para qualquer prática materna. Dentre as práticas positivadas neste discurso destacam-se a adoção da amamentação em livre demanda e exclusiva, a realização de partos humanizados preferencialmente vaginais, o fortalecimento do vínculo mãe-bebê e a dedicação a um cuidado intensivo dos filhos e das filhas.

A qualidade do conhecimento buscado e adquirido se reflete, portanto, na qualidade das escolhas realizadas o que, neste discurso, por vezes se configura como um fator de hierarquização entre as mães, permitindo com que sejam qualificadas como boas ou más mães. Na blogosfera materna, é comum encontrar mulheres rotuladas como “menos mãe” ou “menas mãe” a partir de suas práticas e defesas de maternagem e o grau de responsabilização envolvido no cuidado infantil, quando considerados insuficientes. Textos de mães que assumem não terem aderido a preceitos caros à maternidade ativa são definidos como “#mimimi⁶ de #menasmãin!” e “#síndrome de menasmãin#” (comentários *apud* SORENSEN, 2014, on-line).⁷

A postagem Culpa zero, menos mãe e outras asneiras (2012), da blogueira Lia Miranda, é um exemplo significativo deste esforço classificatório materno que reforça as opções de maternagem da própria autora. Nele, ainda que pondere que não se pode julgar a qualidade da prática de uma mãe por um aspecto isolado, sem considerar todo o contexto cultural e social no qual ela está inserida – “se tem ou não apoio, como foi sua própria formação, que experiências pessoais afetam suas escolhas etc.” -, a autora clama por honestidade para admitir que existem sim pais e mães melhores e piores. As mães melhores são as que optam pela maternidade ativa e consciente, são as que, ao sentirem-se responsáveis pelos filhos, fazem as “melhores escolhas” ainda que impliquem em sacrifícios pessoais. A “mais mãe” é “uma pessoa que exerce a maternidade em maior quantidade (de tempo, por exemplo), ou uma maternidade de melhor qualidade” (MIRANDA, 2012, on-line).

As mães piores, por outro lado, são aquelas que têm menos disponibilidade para exercer esse papel ou o exercem com total irresponsabilidade, são

⁶ O termo, que remete ao choro, é usado nas redes sociais para desqualificar a fala ou o posicionamento de uma pessoa, como se tratasse de uma reclamação despropositada ou um ressentimento. É frequentemente utilizado para deslegitimar falas sobre pautas específicas, como o racismo e os feminismos (PINTO, 2019).

⁷ Optamos por manter os comentários conforme foram escritos, ainda que contenham erros de ortografia e concordância, gírias ou linguagem própria da internet. Optamos também por não identificar o nome das comentaristas, a fim de garantir-lhes a privacidade.

influenciadas pelo mercado de consumo, reproduzem tudo que lhes é ditado cegamente e não refletem acerca de seu papel na sociedade. São as mães que se colocam como prioridade diante de seus filhos, as que querem a todo custo deles desvencilharem-se, preferem viver anestesiadas pelo consumo, pelo lazer, pelo ócio, e não se culpam por isso. Para Lia, se a mãe não está disposta a mudar suas rotinas para cuidar de seus filhos, considerados “dádivas” e “parceiros” maternos, não deveria tê-los. (MIRANDA, 2012, on-line).

A ressonância deste tipo de estratificação da maternidade a partir das práticas e decisões tomadas pelas mulheres durante a maternagem pode ser verificada nos comentários ao texto de Lia. Muitas leitoras concordam que existem mães melhores que outras. Na extensa lista de características apontadas pelas comentaristas para definir a “menos mãe”, é possível encontrar a mãe que deixa os bebês chorando e não os acalenta; não acorda à noite para acolhê-los; não dá carinho, tempo e atenção; abandona-os para viajar e ir a festas; não brinca com os filhos, deixa que assistam televisão e dá brinquedos tecnológicos. A “menas mãe” é, sobretudo, aquela que tem todas as informações e ainda assim age pensando em si mesma, “vive na umbigolândia”, terceiriza o cuidado infantil,⁸ “acha que os filhos que tem que se adaptar a sua vida”, negligencia-os. (comentários *apud* MIRANDA, 2012, on-line)

O texto de Lia e os comentários que o seguem são exemplares por demonstrarem como neste discurso o corte definidor das mães consideradas melhores das piores é o grau de dedicação aos filhos, as escolhas que realiza, a culpa que sente, os sacrifícios que se dispõem a fazer. Na contramão da classificação da mãe adaptada ao modo de vida atual como modelo ideal, neste discurso, a mãe que se dedica ao trabalho, aos filhos e cuida de si está mais para “menos” do que para “mais”, por priorizar sua vida em detrimento de fazer as melhores escolhas para os filhos e por não se sentir culpada por suas escolhas.

A “mais mãe” não é a “mãe-mulher-que-se-cuida-trabalha-e-cuida-da-família” (ZANELLO, 2018, p. 146), a idealização frequente na mídia da “mãe elástica” como propõem Maria Helena Fernandes (2006) e Maria Collier Mendonça (2014) e que corresponde àquela que cuida dos filhos, da casa, do trabalho, do casamento e ainda deve seguir padrões de beleza. Essas mulheres, adaptadas ao *status quo*, seriam pouco críticas ao modo de vida contemporâneo, seguiriam cuidados padronizados, considerados superprotetores, impostos

⁸ O termo “terceirização” do cuidado refere-se ao cuidado infantil realizado por “terceiros”, pessoas que não a mãe ou o pai, como babás, parentes e escola.

socialmente (BOUDAKIAN, 2012, on-line), como a obediência às recomendações do pediatra, o uso de chupetas, a amamentação regrada (comentário *apud* LANE, 2012, on-line). Estas mães estão fora dos blogs, espaço exclusivo das adeptas da maternidade ativa, e não tem a busca de informação e a criticidade como prática.

A mulher que debate na blogosfera, estaria na contramão dos valores sociais dominantes, sobretudo quando opta por se dedicar aos cuidados da casa e da família (BOUDAKIAN, 2012). É a mãe adepta ao parto normal, à amamentação exclusiva e prolongada, ao uso do *sling* (carregadores de bebê feitos de tecido), à cama compartilhada, à dedicação intensiva à maternagem, às práticas defendidas pela maternidade ativa enquanto as melhores para o bebê e passíveis de escolha. A mãe ativa, a “mais mãe”, como correntemente é referida na blogosfera materna, representa o modelo ideal materno dos blogs analisados construído a partir de seu oposto, do anti-modelo, da mãe passiva.

A construção destes modelos de boa e má mãe e da tendência de criticar as escolhas de outras mulheres decorre de um esforço materno para validar as próprias escolhas de maternagem diante de insegurança e da culpa que as mulheres sentem em meio às cobranças de maternagem intensiva (HAYS, 1998). As pesquisadoras Jenna Abetz e Julia Moore (2018) aferem que essas disputas contemporâneas entre as mulheres no ambiente virtual dos porquês suas escolhas de maternagem são melhores, essa “guerra entre as mães”, além de criar rivalidades, são usadas para impor certas condições de subjetividade, nas quais a boa maternidade depende de autoaperfeiçoamento contínuo e de capacitação individual para tomar as melhores decisões para suas famílias. Esta guerra é uma forma de normalização materna, construída com a contribuição das próprias mulheres, em moldes binários de longa data.

A BOA MÃE

As práticas de classificação modernas que separam o normal do anormal, o cidadão de bem do degenerado, o louco e o são, também opera na idealização do ser mulher e do ser mãe. O corpo feminino na modernidade, sobretudo o materno, passa por rigorosa e constante vigilância e regulação educativa, tornando a maternagem uma tarefa complexa que exige muita aprendizagem e informação. Incide sobre ele o poder disciplinar que, por meio do adestramento dos

comportamentos individuais, visa à singularização dos indivíduos e à produção de corpos úteis e dóceis. O corpo materno, que gera e mantém a vida no início é também um dos primeiros e mais privilegiados alvos de uma política de gestão da vida, a biopolítica, que atua para promoção e maximização da vida a partir do século XVIII, quando proliferaram tecnologias com esta finalidade. A biopolítica, de acordo com Michel Foucault (1999), trata da emergência da população e de como governá-la, de como ampliar a vida, de como controlar os acidentes, as mortes: para tanto é necessário ordenar as probabilidades, administrar os corpos, gerir de forma calculista a vida.

Na sociedade de normalização moderna, se cruzam estas duas formas de regulamentação, incidindo tanto sobre o corpo do indivíduo, quanto da vida da espécie. O sexo torna-se mecanismo e alvo central desse poder por se dirigir à gestão do corpo, elemento que faz a vida proliferar. Administrar o sexo, regulá-lo para o bem de todos, tornou-o um campo de importância estratégica capital porque se localiza na encruzilhada do corpo e da população, uma vez que o comportamento sexual depende de um controle disciplinar individualizante e sofre os efeitos da regulamentação em processos biológicos relativos à população em seu conjunto, por seus efeitos procriadores (FOUCAULT, 1999, p. 300). E a mulher, geradora da vida humana e cuidadora principal das crianças na primeira infância na sociedade moderna, é um dos alvos centrais destes mecanismos disciplinares e biopolíticos desde o século XIX: antes como a responsável pela sobrevivência e conformação moral dos futuros cidadãos da pátria, agora por gerar filhos saudáveis, respeitosos ao planeta e empresários de si mesmos. Tal complexo aparato de estratégias de poder e de formas de saber sobre a maternidade, ainda que não seja novo, multiplicou-se ao longo do século XX atualizando, exacerbando, complexificando e multiplicando investimentos educativo-assistenciais sobre a mulher-mãe, governando as formas de agir, de se comportar e de viver a maternidade, revestindo determinadas práticas como a forma verdadeira de exercício da maternidade (MEYER, 2003).

Nos escritos de Jean-Jacques Rousseau, filósofo francês do século XVIII que marcou o pensamento ocidental e uma das principais referências nos discursos maternalistas até dos dias atuais, já é possível identificar comportamentos considerados ideais que tornariam a mulher uma boa mãe.⁹ A mãe modelo de Rousseau, Sophie, é a boa dona de casa que prioriza a primeira

⁹ Um dos autores mais importantes em defesa de formas não hospitalares de parturição, o médico francês Michel Odent, tem os escritos de Rousseau como um dos pilares no qual baseia sua teoria. (PIRES, 2020).

educação das crianças e ama seu marido. É a mulher que amamenta os bebês para o fortalecimento da família e não se perde nos divertimentos da cidade. Para o autor, o lugar da verdadeira mãe de família é reclusa em casa, cuidando do lar e obedecendo a seu chefe, seu marido. É a mulher que se sacrifica, quase uma santa, já que: "a verdadeira mãe de família, longe de ser uma mulher de sociedade, não será menos reclusa em sua casa do que a religiosa em seu claustro" (ROUSSEAU *apud* BADINTER, 1985, p. 245).

No Brasil, a historiadora Mary Del Priore mostrou como a construção da imagem de "santa mãezinha" baseou-se na lógica dos sistemas binários como o católico cristão, opondo a mãe à prostituta ou à devassa, que fazia de tudo para jamais engravidar e nunca perder os atrativos que a tornavam sedutora (DEL PRIORE, 2009, p. 136). Enquanto "santa mãezinha", a mulher virava símbolo assexuado da maternidade, voltada ao cuidado com os filhos, à obediência a Deus e ao marido; tornava-se também responsável por ensinar desde o berço os primeiros passos em direção aos princípios morais ou mais ortodoxos.

Importante era fazer da mãe um exemplo, e da maternidade uma tarefa, um projeto árduo que, como que prolongando as dores do parto por uma vida inteira, elevasse e notabilizasse a mulher numa espécie de via-crúcis doméstica. (DEL PRIORE, 1999, p. 94).

A autora demonstra em sua pesquisa, que adestrar as mulheres, enumerando os defeitos e condenando comportamentos considerados inadequados, além de ter um efeito classificador entre as modelares e inadequadas (devassas e prostitutas), significava retirar das práticas tradicionais, experimentadas por tais mulheres, elementos para a construção de um modelo ideal, de mulher casada. Significava transformá-las gradativamente em agentes dos projetos do Estado e da Igreja dentro da família, fazê-las curvarem-se em torno dos filhos e esquecer as possibilidades de solidariedade que poderiam encontrar com outras mães ou com seus próprios filhos. E para isso, era necessária uma educação dos sentidos, que transformou o amor em um sentimento voltado às orações, aos cuidados com os filhos e ao lar, e o sexo em um imperativo divino para a propagação da espécie.

Neste processo de interiorização dos afetos, o saber-fazer exclusivamente feminino da maternidade no Brasil colonial vai se perdendo até que no século XIX passa também a ser catalogado pelos médicos, o que torna o casamento modelo e a exaltação da sexualidade conjugal uma forma de higienização da

sexualidade. A mulher modelar era a mãe de família, casada e dedicada aos filhos: a santa-mãezinha “humilde”, “obediente” e “devotada” (DEL PRIORE, 2009). A este discurso moralizante e binário, somaram-se o discurso rousseauiano de boa mãe e os conhecimentos científicos médicos do XIX e início do XX que imputavam à ignorância das mães o mau desenvolvimento físico e o acometimento por doenças dos filhos.

No início do século XX, o designado século da criança (SANDIM, 1999), as altas taxas de mortalidade infantil, sobretudo nos primeiros dois anos de vida, fez surgir um conjunto de iniciativas dos médicos puericultores com o objetivo de instruir as mães acerca dos cuidados adequados com os bebês na primeira infância. No Brasil, criaram-se instituições destinadas à preservação da saúde e ao tratamento de crianças, de que é exemplo o Instituto de Proteção e Assistência à Infância (IPAI), cuja primeira unidade foi criada pelo médico e filantropo Arthur Moncorvo Filho em 1899 e em 1922 já possuía 22 filiais em todo o país. Organizaram-se cursos, publicaram-se manuais de puericultura e divulgaram-se princípios de higiene infantil em revistas femininas e em programas de rádio (LIMA, 2007). A aderência feminina ao discurso médico era considerada uma condição indispensável para a sobrevivência e a boa constituição física e moral da criança, futuro cidadão da pátria. Em *Cartilha das mães*, o doutor Martinho da Rocha desqualificava os saberes derivados das experiências de outras mulheres e demandava confiança e obediência irrestritas das mães, em uma série de advertências e recomendações como as seguintes:

Criar bebês robustos, evitar erros que aos poucos se avolumam, que se cruzam e entrelaçam, não é fácil. Fugir a estes perigos é arte que só conhece um profissional treinado na especialidade. Escolhido o médico de seu filho, executem com pertinácia suas ordens; não se moldem às objeções de vizinhas bem intencionadas. Tudo é mais fácil, escolhendo um mentor cujos conselhos obedeçam à risca. Informem-se como vestir o bebê, como alimentá-lo, como banhá-lo e pô-lo ao ar livre. Nada façam por iniciativa própria ou alvitre de ‘entendidas’. Tantas serão as sugestões de amiguinhas, que fatalmente se perderão em conselhos contraditórios. D. Babéte, mãe de dez filhos, rubra de entusiasmo, discute com D. Gertrudes, que tem doze pimpolhos. E não chegam a acordo. Jovem e discreta, mãe bem avisada, não interrompa a disputa das amigas! Deixe-as sair, vá ao telefone e... peça a opinião de seu médico. Só desse modo o filho querido não servirá de experiência para agradar à vizinha da esquerda, ou da direita. Guardem bem no fundo d’alma este conselho: É muito mais fácil evitar um erro do que remedia-lo (ROCHA, 1939, p. 12-15)



Seu discurso era representativo das convicções e do modo de se dirigir às mães dos médicos puericultores desse período. Os doutores dirigiam-se às mães de primeira viagem num tom professoral e adotando um discurso que tendia a infantilizá-las, acentuando a provável distância etária entre eles e reforçando assim a sua autoridade como homens mais velhos e especialistas em matéria de saúde das crianças. O doutor Wladimir Piza tratava-as por “mãezinhas” em outro compêndio, *O livro das mãezinhas* (1940), o qual era distribuído às famílias paulistas nos cartórios, no momento em que faziam o registro civil do recém-nascido (LIMA, 2007).

A educação das mães através da divulgação dos conhecimentos científicos proferidos pelos especialistas permanece em guias maternos elaborados por médicos até os dias atuais. Exemplo disso é o livro “A Vida do Bebê”, do pediatra Rinaldo De Lamare, reeditado diversas vezes de 1941 a 2014, até mesmo após a morte do autor em 2002. Dentre outras recomendações, De Lamare aponta às mães os riscos a que submetem seus bebês caso não sigam as recomendações médicas como cumprir o calendário de vacinação “a não ser que queiram arcar com toda a responsabilidade e todo o risco que esta atitude possa acarretar” (De Lamare, 2014, pág 487) ou aderir à amamentação o que, segundo ele, pode comprometer o vínculo mãe e bebê, levar a doenças e até mesmo à morte.

Com a disseminação do conhecimento médico e científico na sociedade, a definição de boa mãe passa a ser também daquela que promove a saúde dos filhos ao seguir as recomendações médicas. Somava-se assim, com sucesso, um discurso religioso de responsabilização feminina pela família aos conhecimentos científicos da época que, com poder de polícia, servem à normalização feminina através da subjetivação da mulher nos dispositivos materno e amoroso (ZANELLO, 2018). Ao longo do século XX, além de zelar pela sobrevivência e saúde da prole, a mãe progressivamente foi recebendo novas obrigações: garantir a segurança infantil em relação aos perigos da rua e dos vícios (bebida, sexo, jogos), educá-lo moralmente, estimular seu desenvolvimento cognitivo, auxiliá-lo quanto à aprendizagem escolar, zelar por sua felicidade e por sua saúde emocional e psíquica.

Para a filósofa Elizabeth Badinter, as teorias psicológicas desenvolvidas no decorrer do século XX, também contribuíram para a responsabilização materna pelo desenvolvimento afetivo das crianças e sua adequação à sociedade. Enquanto a idealização da maternidade no discurso cristão e no médico possuía

forte apelo moral, a psicanálise, não só aumentou a importância atribuída à mãe, como medicalizou a mulher considerada mãe má, sem conseguir anular as posições moralizadoras do século anterior, levando-a a ser percebida como malvada e doente até os dias atuais (BADINTER, 1985). Para a autora, a psicanálise concorreu para a caracterização da mãe má como uma mulher “não equilibrada”, que prejudica o desenvolvimento do filho e portanto inadequada para assumir seu papel social, como se fosse acometida de uma condição psicopatológica incapacitante. Como refere Amianatta Forna:

dizem às mães que todas as falhas, todas as negligências, qualquer displicência em suas numerosas obrigações, qualquer recusa ao sacrifício, vai afetar a psique da criança, estragar o futuro dela e prejudicar não só a relação mãe-filho, mas todas as relações subsequentes na vida do filho (FORNA, 1999, p. 21).

Os processos de normalização feminina e materna na modernidade são marcados por lógicas binárias em que são estabelecidos comportamentos considerados adequados e definidores da boa prática materna desde o Brasil Colônia. O discurso dos blogs sinaliza para a continuidade de produção de binarismos quanto ao ser mãe, em que pese a difusão e disseminação de teorias e práticas feministas que questionam a maternidade enquanto destino feminino inmutável e a submissão à medicina, refletem quanto aos seus significados no sistema de dominação masculina e também quanto a sua potência e quanto a novas formas de agência. É possível perceber, nas críticas feitas às mães consideradas más, uma reatualização de enunciados como o da mulher devassa que não amamenta os filhos e prefere viver os prazeres da cidade, da mãe que não segue os conhecimentos científicos adequados para promover a saúde física e mental da criança e da santa-mãezinha que deve sacrificar-se pela família e colocá-la sempre em primeiro lugar. Ainda que permeado por enunciados relativos ao respeito à escolha feminina e materna, aparecem nos enunciados da maternidade ativa binarismos que funcionam como parâmetros de aferição da boa mãe, como as designações de “mais mãe” e “menos mãe”, os conhecimentos científicos considerados de qualidade (e, portanto, corretos e verdadeiros) e os conhecimentos que carecem de evidências científicas, as experiências maternas a serem consideradas e as que devem ser rechaçadas, as mães fora dos blogs que são consideradas perfeitas em acordo com o *mainstream* e as ativas questionadoras do *status quo*. A própria designação de mãe ativa encerra em si uma valoração binária ao valorar uma postura de busca de informação e de ativismo que se contrapõe à suposta passividade das mulheres que não o fazem.

FORA OU ALÉM DA DISPUTA: A BUSCA PELO ACOLHIMENTO E PELA UNIÃO ENTRE AS MÃES

Liberdade, liberdade! Na teoria, é muito lindo lutar por um mundo melhor, juntar um monte de mães apaixonadas por seus filhos, criar páginas, blogs e sites, e sair querendo fazer projeto de lei, etc e tal (...). Mas, aí, então, contudo, você vai toda afoita se envolver com determinados grupos temáticos, no auge de sua recém-maternidade ou gravidez, e começa a escutar discursos que fazem o contraponto do-que-seu-médico-diz, mas com o mesmo tipo de postura - aquela que te considera “menos mãe”, “menos inteligente”, “menos responsável”, “menos engajada”... bláblá se você não fala e vive como o “movimento” prega. E, no fim das contas, você decide questionar não só a cartilha do doutor reacionário, mas também a do doutor revolucionário. (POMBO, 2012, on-line)

Dentre os efeitos da produção desses binarismos sobre as nossas formas de viver, um deles é que quase não deixa espaço para ouvir o mal-estar feminino relativo à infelicidade e a insatisfação feminina quanto à maternidade. Há pouco espaço na mídia para a representação dos sentimentos de ambivalência, raiva, cansaço e frustração das mulheres quando mães e, muito menos, quanto ao desejo de não sê-lo (ZANELLO, 2018). A maternidade é pintada na mídia a partir de um ideal que não distingue a mulher real da função delineada social e historicamente nos últimos séculos por uma sobreposição de tarefas, muitas das quais a mulher não pode controlar como, por exemplo, a formação da personalidade da criança (ZANELLO, 2018).

Na blogosfera materna, isto também ocorre, ainda que exista a pretensão de criar um espaço de acolhimento e escuta entre mulheres. Uma postagem que demonstra a pouca aceitação de questionamentos relativos aos preceitos da maternidade ativa e da manifestação de dúvidas e ambivalência maternas, é o texto de Giuliana Vaia escrito em 2013 *Maternidade, o Lado B. Ou a vida como ela é não como deveria ser. Ou por que caralho ninguém nunca me contou isso?*. Nele, a autora se propõe a falar o lado “B” da maternidade, a falar que a maternidade não é sempre boa, que nem sempre a sensação será “oh-como-a-vida-é-boa-como-filho-é-mágico”. Segundo ela, todas as mulheres se chocam com a realidade ao tornarem-se mães por descobrirem uma realidade diferente daquela postulada e que a maioria abafa os sentimentos negativos. A autora narra

a solidão “intrínseca-visceral” que sente, mesmo que com o bebê grudado em seu peito; narra o desamparo, narra o cotidiano com um bebê no colo todo o tempo, a falta de tempo para fazer coisas essenciais como ir ao banheiro, a vaidade e a vida social deixadas de lado, a preocupação constante com a saúde do bebê. Para ela, ser mãe é “padecer” mas não no paraíso; o paraíso é “história pra boi dormir”. (VAIA, 2013, on-line).

Dentre os itens que não são contados às novas mães, Giuliana descreve a gestação como um período de sofrimento à gestante, contrapondo-se à imagem da gravidez como uma fase feliz e bela, e o nascimento do bebê como um momento de aflição e estranhamento, não de felicidade e amor incondicional imediato. Em suas palavras, “só Madre Teresa, se não fosse Madre, sentiria essa amor imediato pulsante, incondicional, acredito eu”. Em relação ao parto, Giuliana descreve que atrás da bandeira do parto normal as gestantes estão “si-cagando de medo” das consequências do parto vaginal, o que as leva a optar pela cesárea, ainda que não contem nas “rodas matérnicas” que foram submetidas à cirurgia por escolha (VAIA, 2013, on-line).

A autora recebe muitas críticas ao texto. Comentaristas mostram indignação quanto às formas como a autora se refere ao bebê e com sua visão pessimista da maternidade. Seus sentimentos são comparados a problemas individuais, a doenças, a TPM (tensão pré-menstrual), a imaturidade, a vitimização, ao abandono infantil e a atitudes de mães que jogam os filhos no lixo. Afirma-se que a finalidade compensa, que a maternidade é uma vocação, que “serve” para a “evolução feminina”, que “ser mãe é para poucas” e lamentam pelas crianças que tem de “aguentar mães impacientes, agressivas, loucas para que eles sumam da frente” (comentário *apud* VAIA, 2013, on-line). Aparentemente, Giuliana recebeu ofensas graves que foram excluídas pelas editoras do portal, haja vista a nota publicada abaixo do texto.

Muito mais chocante do que o texto é perceber que mães que se ofendem com palavras como “vermezinho” se sentem absolutamente confortáveis em chamar a autora de ridícula, louca, patética, doente, burra, retardada, alguém digna de pena, que não merece ter filhos e que precisa de tratamento. Pra nós, isso é mil vezes mais assustador do que todas as linhas que ela escreveu. Portanto, os comentários considerados ofensivos continuarão sendo apagados. A autora fala dos sentimentos ruins que experimentou com a maternidade. O foco apenas no lado negativo foi uma escolha, isso é dito no texto. (...) Chama a atenção o fato de que a mãe é julgada pelo que pensa, não pelo que faz. (...) A

cartilha da boa mãe não permite tais sentimentos, é isso? (nota das editoras *apud* VAIA, 2013, on-line, itálico das autoras)

As editoras do portal de blogs completam dizendo que poucas coisas são mais opressivas para uma mãe do que não poder ser honesta com os seus sentimentos e que, neste sentido, têm mais medo das defensoras da boa maternagem que dão aos seus filhos o exemplo da intolerância, da agressividade e do desrespeito com quem pensa diferente do que de mães que não têm medo de olhar para o seu lado feio (nota das editoras *apud* VAIA, 2013, *on-line*).

A taxaçoão da autora como péssima mãe pelas considerações que fez também revolta outras leitoras que entendem o tom sarcástico, um pouco depressivo do texto e que parece ter como finalidade conseguir lidar de forma saudável com as dificuldades da maternagem. Muitas mulheres parabenizam a autora por sua sinceridade, bom humor, pela coragem de expor muitos sentimentos que não são geralmente abordados e pela problematização que faz da maternidade ativa idealizada. Outras apontam que textos mais realistas como este, que abordam o lado negativo da maternidade, podem ajudar mulheres que se tornam mães a perceberem que a angústia e as dificuldades que sentem são normais. Algumas mães revelam estarem cansadas de quem defende seguir a “cartilha” correta da maternidade e temem as reações das “supermães de plantão” (comentário *apud* VAIA, 2013, *on-line*).

A postagem de Giuliana Vaia, a nota pouco usual das editoras ao texto, as críticas e os apoios que recebe, demonstram que, apesar do esforço de muitas mulheres de criar um espaço virtual de encontro, acolhimento e união, o questionamento de certos preceitos ou a manifestação de sentimentos negativos relativos ao materno não são bem aceitos, são patrulhados e reprimidos por mulheres em defesa das escolhas de maternagem que fizeram e de suas percepções de como ser mãe. Demonstra também que não há posicionamentos uníssomos na blogosfera materna em relação à designação de mães más e mães boas. Argumenta-se a impossibilidade de definir um pacote da boa maternagem e outro da má, questiona-se se foi inventada uma tabela de medição de qualidade materna e se “uma mãe infeliz (com a maternidade ativa) não seria uma ‘mãe menos’” (comentário *apud* VAIA, 2013, *on-line*). Clama-se por um caminho do meio, pela possibilidade de cada família definir o que é melhor para os seus, para experimentar e mudar de opinião (comentário *apud* MIRANDA, 2012, *on-line*), pela possibilidade de equilibrar os direitos e necessidades das crianças e das mães. Uma blogueira até criou um teste bem-humorado para saber se a mulher é ou

não uma boa mãe, em que o resultado é sempre positivo (DEMARCHI, 2013, on-line). Há posicionamentos chamando a atenção para a necessidade do autocuidado materno como prerrogativa para poder cuidar dos filhos e o respeito às escolhas pessoais - já que cada mulher, cada família, deve saber o que funciona melhor na sua realidade. Blogueiras clamam por menos julgamento de outras mães.

O incômodo gerado pelo julgamento de outras mulheres mostra como não há unanimidade em torno da maternidade ativa e como a blogosfera materna é esse espaço constante de disputa pelas formas de cuidado infantil, que muitas vezes se chocam com as possibilidades reais ou o desejo feminino de fazê-lo. Nos blogs, encontramos exemplos de mulheres que tiveram a coragem de colocar-se contra estes modelos ou de expor sentimentos negativos relativos à maternidade. Porém, toda a patrulha quanto à adoção de práticas ideais de maternagem e a recorrência do julgamento das atitudes maternas alheias, dificulta que a blogosfera materna se torne um espaço em que a mãe possa expressar suas angústias, seus sentimentos, seus temores, como tanto se defende, sob o risco de ser considerada uma mãe má.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tornar-se mãe nos dias atuais é descobrir que sê-lo depende de aprendizagens construídas em diversas instâncias sociais e culturais, desde aquelas provenientes de campos reconhecidos por sua autoridade, como a família, a igreja, as instituições médicas e legais, a ciência e a mídia e, mais recentemente também as construídas nas mídias sociais. Constituindo-se potentes pedagogias culturais, estas proposições ensinam como ser mulher, como ser mãe, como maternar e como amar os filhos, e funcionam como redes de disciplinamento e de controle social.

Procuramos demonstrar neste artigo a contradição existente em enunciados proferidos na blogosfera materna que denominam, a partir de comportamentos e práticas adotadas por mulheres durante a maternagem, quais são as mães ideais e quais são as mães más, ao passo que, simultaneamente, defendem a liberdade de escolha feminina como condição para o empoderamento materno. Ainda que se professe a liberdade de escolha feminina, quase como um imperativo da maternidade contemporânea, vê-se que, no julgamento de muitas mães, as escolhas estão restritas a determinadas possibilidades e que não há um

rompimento neste discurso com uma imagem idealizada de mãe que se culpa e se sacrifica pelos filhos, renunciando a si mesma.

Identificamos a reatualização de velhos discursos, como da mãe rousseauiana, da santa-mãezinha do Brasil colônia, da mãe que zela pela saúde dos filhos ao seguir os conselhos médicos - ainda que agora não seja qualquer conhecimento médico-científico a ser seguido. Estes modelos normativos de mãe foram construídos a partir do seu avesso, a partir da construção da mãe má, como outrora foi da degenerada ou a mãe que não seguia os conselhos médicos, reafirmando seu oposto condenável e dando pouca margem de negociação entre estes extremos entendidos de forma tão binária e que permite pouco avançar nas discussões acerca da importância de ampliação da igualdade de gênero. A “menos mãe” é a reatualização da mulher devassa, que prioriza sua vida em detrimento do que é o melhor para seu filho, não amamenta porque quer poder ter momentos de lazer, por comodidade ou pior, por vaidade. É a mãe que não segue os preceitos científicos corretos em prol da saúde física e mental da criança, que não segue os desígnios da natureza, que não prioriza a família e não se recolhe no lar.

A retórica da possibilidade de escolha de como parir e de como maternar, que promete libertação e autonomia às mulheres, se traduz para muitas mulheres que recebem este discurso enquanto imposição das melhores práticas que devem ser assumidas a partir da busca por informações e de um posicionamento reativo à medicina intervencionista. Tal discurso que hierarquiza formas diferentes de maternar na verdade impõe práticas de maternagem exigentes e hierarquiza as mães ao definir quais são melhores e quais são piores. A blogosfera materna, assim, ao mesmo tempo em que cria um sentimento de pertencimento e permite a construção de outras práticas maternas a partir da iniciativa das mães envolvidas, condena, normaliza comportamentos e impõe formas corretas de maternagem e de ser mãe, funcionando como um espaço de vigilância que, ao pretender libertar as mulheres do poder médico, acaba por aprisioná-las em seu próprio regime restrito de condutas aceitáveis.

A reflexividade acerca da condição materna, clamada por blogueiras na busca pelo “caminho do meio” e em defesa do não julgamento das práticas maternas alheias, ainda que restrita a uma camada feminina da população, pode ter como potência o reconhecimento da ambivalência materna, dos limites da escolha (ou de sua ausência) para maior parte das mulheres e de fato criar um espaço de acolhimento e escuta entre mulheres mães. Ainda, esta atitude pode

permitir o questionamento da representação materna na publicidade e propaganda, nas políticas públicas, na educação e na mídia em geral, permitindo a ampliação do debate da igualdade de gênero a outros segmentos da população. Definir quais são as mães melhores, as mães próximas da perfeição, e determinar quais são as piores, taxá-las de “menos” mães, alienadas pelo sistema consumista, patologizá-las como doentes, expressa a contradição de um discurso que clama por autonomia e liberdade, mas em que se continua a normalizar mulheres-mães, gerando culpa, defendendo o sacrifício e tornando a maternagem uma tarefa que pode ser ainda mais árdua do que seguir as recomendações médicas ou viver de acordo com o *status quo*.

REFERÊNCIAS

ABETZ, Jena; MOORE, Julia. “**Welcome to the Mommy Wars, Ladies**”: Making Sense of the Ideology of Combative Mothering in Mommy Blogs. *Communication Culture & Critique* 11, 2018, p. 265–281.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOUDAKIAN, Pérola. Infância Livre de consumismo. Minha Mãe que Disse, publicado em 27.mar.2012. Disponível em: <http://minhamaequedisse.com/infancia-livre-de-consumismo/>. Acesso em: 23 out. 2019.

DE LAMARE, Rinaldo. **A Vida do Bebê**. 43ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2014.

DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DEMARCHI, Diana. Revista Olheiras - e como saber se você é uma boa mãe. Minha Mãe que Disse, publicado em 29.abr.2013. Disponível em: <http://minhamaequedisse.com/revistaolheiras-e-como-saber-se-voce-e-uma-boamae/>. Acesso em: 23 out. 2019.

FERNANDES, Maria Helena. A mulher-Elástico. In: II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental, 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos PUC-SP**. Disponível em: http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/ii_congresso_interna



cional/mesas_redondas/ii_con._a_mulher_elastico.pdf. Acesso em: 07 jun. 2018.

FORNA, Amianatta. **Mãe de todos os mitos**: Como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HAYS, Sharon. **Contradições culturais da maternidade**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

LANNE, Milena. Um não ao conceito “mãe perfeita”. *Minha Mãe que Disse*, publicado em 05.dez.2012. Disponível em: <https://minhamaequedissem.com/um-nao-ao-conceito-mae-perfeita/>. Acesso em: 23.out. 2019.

LIMA, Ana Laura Godinho. *Maternidade Higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil*. **História**: questões e debates. Curitiba, n. 47, p. 95-122, 2007.

MEYER, Dagmar. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Movimento**. Porto Alegre, vol. 9, n. 3, p. 33-58, set./dez. 2003.

MENDONÇA, Maria Collier de. **A maternidade na publicidade**: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

MIRANDA, Lia. Culpa zero, menos mãe e outras asneiras. *Minha Mãe que Disse*, publicado em 25.set.2012. Disponível em: <http://minhamaequedissem.com/culpa-zero-menos-mae-coutras-asneiras/>. Acesso em: 23. out.2019.

PINTO, Joana Plaza. É SÓ MIMIMI? Disputas metapragmáticas em espaços públicos online. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 31, jan.-jun, p. 221-236, 2019.

PIRES, Elaine Muniz. **Maternidade ativa e cuidado do mundo**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

PIZA, Wladimir de Toledo. **O livro das mãezinhas**. 3ª. ed., São Paulo: Departamento de Saúde do Estado de S. Paulo, Seção de Propaganda e Educação Sanitária, 1940.

POMBO, Carolina. As mães e os movimentos sociais. Minha Mãe que Disse, publicado em 07.dez.2012. Disponível em: <http://minhamaequedissem.com/asmaes-e-os-movimentos-sociais/>. Acesso em: 23.out.2019.

ROCHA, Martinho da. **Cartilha das mães**. 7a. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1939.

SANDIN, Bengt. **Imagens em conflito**: Infâncias em Mudança e o Estado de Bem-Estar Social na Suécia. Reflexões sobre o Século da Criança. Revista Brasileira de História, v. 19, n. 37, São Paulo, set, 1999.

SORENSEN, Nívea. A culpa não é minha! Minha Mãe que Disse, publicado em 25.jun.2014. Disponível em: <http://minhamaequedissem.com/a-culpa-nao-e-minha/>. Acesso em: 23.out.2019.

VAIA, Giuliana. Maternidade, o Lado B. Ou a vida como ela e não como deveria ser. Ou por que caralho ninguém nunca me contou isso? Minha Mãe que Disse, publicado em 21.jan.2013. Disponível em: <https://minhamaequedissem.com/maternidade-o-lado-b-ou-a-vida-como-ela-e-eno-como-deveria-ser-ou-por-que-caralhos-ninguem-nunca-me-contou-isso/>. Acesso em: 23.out.2019.

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

Recebido em (17 de dezembro de 2020)

Aprovado em (13 de julho de 2021)